Correio da Manhã

Circula em conjunto com:
CORREIO PETROPOLITANO
CORREIO SUL FLUMINENSE

Rio de Janeiro, Quinta-feira, 20 de Fevereiro de 2025 - Ano CXXIII - Nº 24.712

Trio revê temas da fase elétrica de Miles Davis

PÁGINA 2



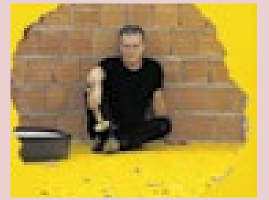
Gilson de Barros retoma sua trilogia roseana

PÁGINA 7



Livro reúne obras recentes de Antonio Manuel

PÁGINA 8



2° CADERNO



Arte Ricardo Gomes sobre fotos de Divulgação

PAIXÃO EM VERDE E ROSA

Chico Buarque, Alcione, Leci Brandão e outros mangueirenses participam do tradicional show de verão da Estação Primeira

Por **Affonso Nunes**

Mangueirenses de fina estirpe batem ponto nesta quinta-feira (20) para mais uma edição do Show da Mangueira, uma das atrações mais aguardadas nas semanas que antecedem o desfile no Sambódromo. O elenco deste ano é da mais alta patente reunindo Alcione, Chico Buarque, João Bosco, Leci Brandão, Mariene de Castro, Pretinho da Serrinha e Xande de Pilares. E tem ainda a participação especial da Velha Guarda Musical da Mangueira, dos intérpretes Marquinhos Art´Samba e Dowglas Diniz e da bateria da verde e rosa.

Com direção geral de Túlio Feliciano, produção geral de Vinícius França e direção musical de Pretinho da Serrinha, o Show de Verão Mangueira foi criado para o carnaval de 1998, quando Chico Buarque foi enredo da escola e levou a EStação Primeira de Mangueira a mais um de seus tantos campeonatos.

Desde então, participaram do evento, cuja bilheteria ajuda a custear o carnaval da escola, alguns dos mais importantes nomes da música brasileira, como Gal Costa, Maria Bethânia, Fafá de Belém, Elba Ramalho e Maria Rita, entre outros.

Além da apresentação dos artistas convidados e da Velha Guarda da escola, o encerramento do show promete uma celebração ao orgulho negro, com bateria, passistas e o casal de mestre-sala e porta-bandeira da escola defendendo com garra um dos sambas mais bonitos da história da escola.

A Mangueira levará para a Sapucaí, em 2025, o enredo "À Flor da Terra – No Rio da Negritude Entre Dores e Paixões", que exalta a influência dos povos bantus na formação cultural do Rio de Janeiro. A escola revisita essa herança desde a chegada dos africanos pelo Cais do Valongo até suas marcas na linguagem, na religiosidade e nas tradições cariocas.

Sob a assinatura do carnavalesco Sidnei França, o desfile propõe um olhar profundo sobre a presença banto na cidade, ressaltando como sua história se entrelaça com a identidade carioca. A força dessa ancestralidade será celebrada com cores, ritmos e simbolismos que traduzem a resistência e a riqueza cultural do povo negro.

SERVIÇO

SHOW DE VERÃO DA MANGUEIRA

Vivo Rio (Av. Infante Dom Henrique, 85 Parque do Flamengo) | 20/2, às 21h
Ingressos a partir de R$ 120

Toda a eletricidade de Miles

Victor Biglione e os irmãos Alfredo e Guilherme Dias Gomes se unem em tributo ao mestre do jazz fusion

Por **Affonso Nunes**

O trio formado pelo guitarrista Victor Biglione, o trompetista Guilherme Dias Gomes e o baterista Alfredo Dias Gomes estreia, no Blue Note Rio, o projeto "Electric Miles Fusion", uma justa homenagem à fase elétrica e fusion de Miles Davis, que marcou o jazz nas décadas de 1970 e 1980.

A fusão entre jazz, rock e funk é a essência do espetáculo, com repertório que inclui clássicos como "Jean Pierre", "Amandla" e "In a Silent Way". O grupo ainda conta com o baixista Berval Moraes e o tecladista Renan Francioni como convidados especiais.

Thiago Kropf/Divulgação



Victor Biglione, Guilherme e Alfredo Dias Gomes destacam a fase mais roqueira de um dos músico mais influentes da história do jazz

Os músicos desse trio possuem carreiras consagradas. Argentino radicado no Rio desde criança, Biglione já colaborou com gigantes da MPB e do cenário internacional, acumulando prêmios como Grammy e Prêmio da Música Brasileira. Guilherme Dias Gomes, com formação na Berklee, tem vasta experiência como trompetista, compositor e produtor musical, tendo trabalhado com grandes nomes da música brasileira. E seu irmão Alfredo iniciou sua trajetória ao lado de Hermeto Pascoal para depois construir uma sólida carreira com turnês internacionais e discos premiados.

SERVIÇO
ELETRIC MILES FUSION
Blue Note Rio (Av. Atlântica, 1910 - Copacabana)
20/2, às 22h30
Ingressos a partir de R$ 60

Para honrar Emílio Santiago

Cenógrafo Fabio de Souza estreia como cantor para celebrar aquele que considera o maior intérprete do Brasil

O Teatro Brigitte Blair recebe nesta quinta-feira (20) "Mar de Emílio", show, dedicado à obra de Emílio Santiago e que marca a estreia de Fabio de Souza como cantor. Conhecido por seu trabalho como cenógrafo de nomes como Fafá de Belém e Geraldo Azevedo, o artista leva seu olhar a outras latitudes. "Acredito que Emílio não recebeu o reconhecimento que merecia, como o maior cantor do Brasil", afirma

"Houve preconceito por sua popularidade com a série de álbuns "Aquarela Brasileira" e também por ele ser um homem preto, algo que jamais pode ser ignorado neste país. Esse show nasceu do desejo de homenageá-lo e expressar meu amor por sua arte", enfatiza.

O canto se impôs quando Fabio entrou para a Universidade Antropófaga do Teatro Oficina, em São Paulo, como ator-cantor. Ali começou sua trajetória autoral, migrando para a cenografia, onde consolidou uma carreira sólida. Mas o reencontro com a música se desenhou em setembro, em um pocket show no Largo das Neves, prenúncio do "Mar de Emílio".

Divulgação



Cenógrafo de destaque, Fabio de Souza leva sua veia canora para o palco

"Foi um ato de coragem, uma cura. Eu estava seguro, cantando bem. Tranquei meus fantasmas e joguei a chave fora. Foi lindo", diz o artista que no placo será acompanhado por Vovô Bebê (direção musical), Caxtrinho, Maria Clara Valle e Junior Abreu, músicos que compartilham sua busca pelo novo.

"A proposta é antropofágica, cada um trazendo Emílio para o presente com seu olhar. Ter esses quatro artistas, cada um com sua singularidade, é uma honra", festeja.

Na voz de Fabio e nas mãos do quarteto, clássicos como "Verdade Chinesa" e "Bananeira" renascem, equilibrando elegância e ousadia, lirismo e ironia, romantismo e irreverência. O repertório inclui também canções menos conhecidas, resgatando pérolas de Gonzaguinha, Nelson Cavaquinho, Marcos Valle, Jorge Aragão, João Donato e Jorge Ben Jor.

Com musicalidade surpreendente e envolto em afetos, "Mar de Emílio" celebra a liberdade. Uma liberdade que se traduz nos versos de uma das canções que Fabio levará ao palco: "Bota pra fora o mundo que existe em você/ Rasgue a fantasia/ Os sentimentos um dia têm que aparecer".

SERVIÇO
FABIO DE SOUZA | MAR DE EMÍLIO
Teatro Brigitte Blair
(Rua Miguel Lemos 51-h, Copacabana)
20/2, às 20h
Ingressos: R$ 90 e R$ 45 (meia)

'Ainda Estou Aqui' chega a R$ 120 milhões em faturamento global

Representante brasileiro em três categorias do Oscar, longa de Walter Salles é a produção mais barata entre todos os seus concorrentes com um orçamento de R$ 8 milhões

Divulgação



A saga da advogada e ativista Eunice Paiva fez 'Ainda Estou Aqui' ter o melhor desempenho de bilheteria global em relação a seus concorrentes na categoria

No último sábado (15), "Ainda Estou Aqui" ultrapassou a marca de 5 milhões de espectadores, impulsionado pela proximidade do Oscar 2025, que acontece em 2 de março. O filme concorre a três prêmios: melhor filme, melhor filme internacional e melhor atriz, pelo desempenho de Fernanda Torres.

Dirigido por Walter Salles, o longa já arrecadou cerca de R$ 120 milhões nas bilheteiras mundiais, incluindo aproximadamente R$ 20 milhões nos Estados Unidos desde sua estreia no mês passado, segundo o Box Office Mojo.

Produzido com um orçamento de R$ 8 milhões, "Ainda Estou Aqui" é o filme mais baratoi entre os indicados ao Oscar de melhor filme nesta temporada, de acordo com informações do portal IMDb.

O projeto foi financiado exclusivamente por recursos privados, com apoio das produtoras VideoFilmes, de Walter e João Moreira Salles, RT Features, de Rodrigo Teixeira, e a francesa MACT Productions. Essas produtoras acumulam histórico de sucessos em festivais e premiações como "Me Chame pelo Seu Nome" (Luca Guadagnino), "O Farol" (Robert Eggers) e "Central do Brasil" (Walter Salles).

A adaptação do livro de Marcelo Rubens Paiva também contou com apoio das coprodutoras Globoplay e Conspiração, além da distribuição pela Sony Pictures. Segundo a assessoria de imprensa, o longa não recebeu financiamento público.

Com o encerramento das votações para o Oscar na noite desta terça-feira (18), a campanha de divulgação do filme se manteve intensa até os últimos momentos. Desde o anúncio dos indicados, em 23 de janeiro, Fernanda Torres reforçou sua presença nos eventos da temporada de premiações.

A atriz participou de entrevistas, exibições especiais e festivais, além de encontros com outras indicadas, como Ariana Grande ("Wicked") e Demi Moore ("A Substância"), sua principal concorrente na categoria de melhor atriz. Em suas aparições, Torres vestiu peças de marcas renomadas, como Chanel, Dior e Carolina Herrera, selecionadas pelo stylist Antonio Frajado, seu parceiro de longa data. As grifes, interessadas na visibilidade da premiação, disponibilizam suas criações aos artistas sem custos para as campanhas.

Até o momento, os valores investidos na campanha promocional de "Ainda Estou Aqui", bancados pela Sony Pictures, não foram divulgados.

'Os Incompreendidos' do México



Evocação ao clássico de Truffaut, 'Olmo', drama sobre juventude, arrebata o Panorama, a mostra mais popular da Berlinale num mosaico de descobertas sexuais

Plan B



'Olmo', de Fernando Eimbecke, fala de descobertas juvenis

Divulgação



Por **Rodrigo Fonseca**
Especial para o Correio da Manhã

Ao ouvir o nome do mito parisiense François Truffaut (1932-1984) no encontro com o Correio da Manhã, num hotel alemão, o mexicano Fernando Eimbcke abre um sorriso cúmplice de quem empregou a própria cinefilia com precisão no empenho de criar um balanço geracional com ecos do passado e olhos no futuro. "Olmo", mais recente exercício autoral do realizador de "Temporada de Patos" (2004), ficou fora da competição oficial da Berlinale, mas emplacou bom espaço (e hoje coleciona elogios) na mostra mais popular da maratona audiovisual germânica, chamada de Panorama.

Sempre tem América Latina por lá, vide a presença, este ano, de "Ato Noturno", de Marcio Reolon e Filipe Matzembacher, do Rio Grande do Sul. Eimbcke figura ao lado desse thriller brasileiro, com uma narrativa que transpira o lirismo truffautiano imagem a imagem, evocando (ainda que inconscientemente o clássico maior do pilar da Nouvelle Vague, "Os Incompreendidos" (1959).

Em 2008, quando "Tropa de Elite" ganhou o Urso de Ouro, Eimbcke estava na Berlinale e saiu dela com o troféu (hoje extinto) de Invenção de Linguagem, além do Prêmio da Crítica, pelo longa "Lake Tahoe". Desta vez, tem tudo para ganhar a láurea do público (por votações em cédulas ao fim das projeções) de "Olmo". Sua trama, produzida pela Plan B de Brad Pitt, ambienta-se em 1979, no Novo México, EUA. Seu protagonista, vivido por Aivan Uttapa, anda preso em casa. Hoje é sua vez de cuidar do pai doente, apesar de ter apenas 14 anos e preferir ficar com seu melhor amigo, Miguel. Quando Olmo é convidado para uma festa por sua bela vizinha Nina, ele fará de tudo para se livrar de suas obrigações, embarcando em uma jornada de travessuras e caos. À medida que a noite se desenrola, ele pode acabar amando o lugar do qual passou tanto tempo tentando fugir: sua casa.

Outro achado deste Panorama foi "Beginnings" ("Begyndelser"), de Jeanette Nordahl, com CEP na Dinamarca. Destaque de "A Garota da Agulha" (hoje na MUBI e no páreo do Oscar), Trine Dyrholm foi premiada pela Berlinale em 2016, por "A Comunidade" e, desde então, filme após filme, ela se impõe como uma estrela de prestígio global, sempre levando a potência dramatúrgica escandinava consigo. Em seu filme mais recente, Trine vive Ane, cujo casamento com Thomas está nos finalmentes, pois ele já tem uma namorada. Depois que ela sofre um derrame, ele decide ficar e tenta reinventar sua relação com a antiga amada.

Ethan Hawke em estado de graça

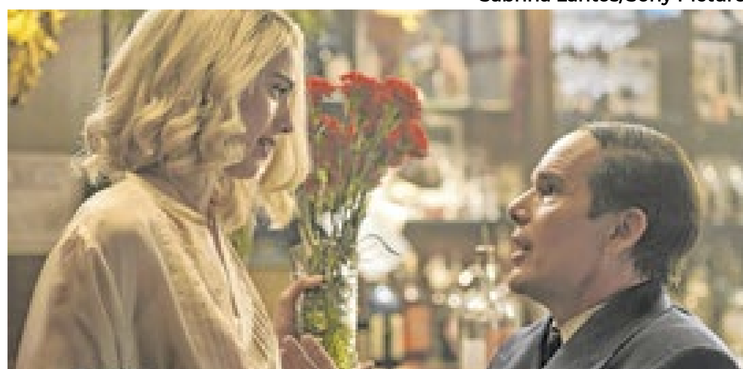
Aos 54 anos, com uma barba grisalha, nada condizente com a carinha de menino que tinha nos tempos de "Sociedade dos Poetas Mortos" (1989), Ethan Hawke dispara na competição da 75ª Berlinale como um potencial ímã de prêmios por seu (hilário) desempenho em "Blue Moon".

É a nova parceria entre ele e o diretor Richard Linklater, seu parceiro em "Boyhood" (2014) e na trilogia iniciada em "Antes do Amanhecer" (1995-2013), com Julie Delpy ao lado deles.

Numa nova sinergia, o cineasta e o astro revisitam a saga do letrista Lorenz Hart (1895-1943), que enfrenta corajosamente o futuro à medida que sua vida (profissional e privada) desanda em goladas contínuas em destilados de alto teor alcoólico.

Tudo se passa no bar Sardi's, durante a festa de abertura do novo espetáculo (o fenômeno "Oklahoma!") de seu ex-parceiro Richard Rodgers (1902-1979), interpretado por Andrew Scott (de "Ripley"). Naquela noite de 31 de março de 1943, Lorenz vai escancarar todos os seus demônios, à espera de um cafuné da poeta Elizabeth (papel de Margaret Qualley). A destreza cômica de Hawke é notável. **(R.F.)**

Sabrina Lantos/Sony Pictures



Ethan Hawke dá vazão à comicidade em 'Blue Moon'

O imparável (e sempre premiável) Hong Sangsoo



Mais prolífico cineasta da Coreia do Sul e um dos mais produtivos do mundo encerra a caça ao Urso de Ouro, que acolheu ainda thriller contra o etarismo vindo daquela pátria asiática

Por **Rodrigo Fonseca**
Especial para o Correio da Manhã

Pela nona vez em quase três décadas de carreira, o diretor sul-coreano Hong Sangsoo estará concorrendo a prêmios oficiais da Berlinale, em disputa pelo Urso de Ouro de 2025 com "What Does that Nature Say to You" (ou "Geu Jayeoni Nege Mworago Hani" em sua língua natal. Será o fecho da competição deste ano. O diretor virá ao evento – como sempre faz parecer – sem expectativas, ainda que tenha conquistado algum troféu em quase todas as suas indicações no festival alemão.

"O que vocês viram no meu filme?", disse Sangsoo no Berlinale Palast, em 2024, ao conquistar o Grande Prêmio do Júri por As Aventuras de Uma Francesa, com Isabelle Huppert, sua sazonal parceira.

Sua vitória alemã aconteceu em fevereiro. Seis meses depois, ele estava no Festival de Locarno, na Suíça, concorrendo ao Leopardo de Ouro com outro longa, "Através Do Fluxo" ("By The Stream"). Saiu de lá com outro mimo: sua companheira (de vida e de obra), a atriz e produtora Kim Min-hee, foi laureada em terras helvéticas por sua atuação. Estima-se que ela estará em Berlim com ele, para acompanhar a projeção de "What Does that Nature Say to You". É mais um trabalho feito pelo casal em esquema de guerrilha.

Jeonwonsa Film Co



'What Does Nature Say To You' marca a volta de Hong Sangsoo ao Festival de Berlim

Jens Koch/Divulgação Berlinale



"Eu filmo situações do dia a dia que são simples. Não preciso de efeitos especiais. Eu mesmo opero a câmera. Só preciso de alguém para captar o som para nós. Com isso, meu orçamento é pequeno. A montagem fica por minha conta também. Nem saberia precisar quanto a gente gasta por filme, mas é pouco", disse Sangsoo ao Correio da Manhã antes das filmagens de "What Does that Nature Say to You", ao lançar "Lá Em Cima" ("Walk Up"), no Festival de San Sebastián na Espanha.

"Nem tudo o que aparece em cena precisa de uma explicação ou de uma conexão direta com a narrativa. Eu posso ser capturado pela imagem de um gato correndo, registrá-la e supor que faz sentido estético tê-la na edição de uma história que é absolutamente alheia àquele animal. Ele está ali só por fazer parte do mundo, por ter me oferecido um momento que, filmado, gera um sentido artístico".

Repleta de personagens fascinantes, esta Berlinale será apresentada nesta tarde a Donghwa, um poeta de trinta e poucos anos, que leva sua namorada, Junhee, para uma viagem de carro de Seul até a casa dos pais dela, nos arredores de Icheon. Ao notar a surpresa de seu amado com o tamanho da casa e seus jardins montanhosos, Junhee sugere que ele dê uma olhada rápida no local, mas, na entrada da garagem, eles encontram o pai da moça, que convida Donghwa para passar o dia com a família. Todos viveram uma ciranda de conversas: o patriarca; sua esposa, que também é poeta; e suas duas filhas adultas. Naquele papo regado a álcool, Donghwa se embebeda e deixa cair sua máscara de deferência, revelando um lado bem constrangedor.

"Eu não penso muito em acaso, penso em instantes e no que eles podem nos revelar", disse o realizador ao Correio, quando ganhou o Urso de Prata de Melhor Direção (das mãos do colega brasileiro de ofício Kleber Mendonça Filho, então jurado) por "A Mulher Que Fugiu", em 2020.

Aos 64 anos, Sangsoo (seu sobrenome é grafado Sang-soo ou Sang-Soo em alguns eventos) aposta num tipo de narrativa que não é capaz de agradar com unanimidade, apesar de ter entusiasmado a curadoria da Berlinale, chefiada por Tricia Tuttle. Nada desse incansável fazedor de longas-metragens é unânime. Apesar disso, é surpreendente a habilidade que Sangsoo tem de criar. Sua empresa, Jeonwonsa Film Co. Production, consegue dar conta de sua estética enxuta e de sua urgência. Sábado, o time de juradas e jurado chefiado pelo cineasta Todd Haynes (de "Segredos de um Escândalo") vai expressar o que pensou sobre a nova onda desse inquieto compatriota de Park Chan-Wook ("OldBoy") e Bong Joon Ho ("Parasita").

Houve destaque para a Coreia do Sul na Berlinale também na seara hors-concours, com a boa acolhida ao thriller "The Old Woman With The Knife" ("Pa-gwa"), de Min Kyu-dong. Sua estrela, Lee Hye-young, tem uma elegante atuação no papel da matadora Hornclaw (Hye-young). Ela se sustenta desde os anos 1970 como assassina. Na briga com faca, ninguém ganha dela. Sua vida mundana, mas sangrenta, toma um rumo inesperado quando conhece um jovem assassino cheio de gana que deseja trabalhar ao seu lado. Ela reluta e refuta, mas saca o talento do moço. Aos poucos, um incidente do passado vem à tona, num indício de que ele esconde uma sujeira da grossa.

CRÍTICA / FILME / O BRUTALISTA

RIFF Divulgação



Longe da guerra, László (Adrian Brody) busca resconstruir a vida em solo estadunidense

Na contramão do vácuo de (quase) todo o **cinema atual dos EUA**

Por **Inácio Araujo** (Folhapress)

"O Brutalista" pode ser definido como um filme do pós-Guerra. De um pós-Segunda Guerra que parece começar quando o eufórico húngaro László Tóth passa pela Estátua da Liberdade. Naquele momento, de desordem e miséria na Europa, os Estados Unidos representavam a energia, a criatividade, a proteção, o progresso para cidadãos de todo o mundo.

É lá que László pretende refazer sua vida. Mas o pós-Guerra ainda é a guerra - na Hungria ficaram a sua mulher, Erzsébet, e a sobrinha, Zsófia. László foi separado de Erzsébet pelos nazistas. Cada um foi parar num campo de concentração diferente. Agora, ele tenta trazer a mulher junto com Zsófia para os Estados Unidos.

László passará dificuldades enormes até o bilionário Harrison Lee Van Buren, da Pensilvânia, descobrir que ele é um arquiteto da célebre escola Bauhaus e tudo mais. Van Buren decide fazer um ambicioso monumento à memória de sua mãe - na verdade, a si mesmo - na sua propriedade, tão grande quanto sua fortuna. Não se sabe se Van Buren já tinha a ideia na cabeça e passou à prática ao localizar o arquiteto, ou vice-versa.

A proximidade de László com Van Buren facilita a vinda de Erzsébet e da sobrinha para os Estados Unidos. Então podemos perceber que a guerra não acabou. A sobrinha se recusa a falar, enquanto a mulher sofre de violenta osteoporose em decorrência da fome que passou. As marcas da guerra estão lá.

Aos poucos nos damos conta de que a guerra realmente não acabou, ao menos para Brady Corbet, autor deste filme - assim como "A Infância de um Líder", seu primeiro longa, notava que a Primeira Guerra não tinha acabado em 1918. Aqui, a guerra prossegue entre as vítimas dos nazistas, por exemplo. A família de László Tóth entre outros. Mas não só, a imensa bagunça em que se encontra a Europa nos anos seguintes incide sobre os personagens e seu destino.

Isso não é menos interessante do que a obsessão de László de construir sua grande obra, um projeto que resumiria sua vida. Mas não é fácil convencer os caipiras locais das virtudes da nova arquitetura, e muito menos de materiais então baratos como o concreto.

Como em seus filmes anteriores, Corbet leva seu drama buscando um episódio capaz de definir uma era, um modo de pensar. A diferença em relação às primeiras empreitadas - grandes painéis de uma era ou de um lugar - talvez esteja, em parte, no estilo, na escolha por um evento marginal como condutor de seu pensamento.

E também na maneira como desenvolve suas ideias, detidamente, sem pressa, sem medo de que um assunto tão pouco explorado pelo cinema como a arquitetura afugente o público. Nem, aliás, suas três horas e 40 minutos de duração, contando o intervalo de 15 minutos. A intriga se desenvolve sem pressa, como se Corbet buscasse assentar suas ideias solidamente.

Ideias sobre o mundo, mas sobre o cinema também. Porque as ambições de László e Van Buren por vezes são conflitantes, por vezes são complementares. A arquitetura e o cinema são, afinal, artes afins, porque supõem negociação permanente. Mas não só por isso.

É preciso compreender a questão da vontade implicada numa obra de arte, parece nos lembrar o autor deste filme. Porque as ideias de arquiteto e cineasta só existem se lançadas no espaço, não existem no papel. E a passagem do projeto à obra é feita de sacrifício, de perseverança, de ousadia.

Também aqui, esse painel mobiliza eras passadas e eras ainda por vir. Aqui se vive a paz de guerras não declaradas. Corbet se move por esse terreno sem pressa, ao mesmo tempo que constrói uma multidão de eventos que fazem o filme passar suavemente, como se tivesse uma hora e meia ou uma hora e 40 minutos. Nesses eventos, no entanto, não existem os bons e os maus, os certos e os errados - tudo envolve uma tessitura delicada, que retira qualquer moral do centro do conflito.

A isso se junta um modo particular de montagem, em que as cenas com frequência parecem ser cortadas antes de terminar, de modo que nos impede de compreender o significado e o objetivo de certos gestos ao mesmo tempo em que o filme se abre imensamente à ambiguidade dos gestos, das coisas, dos propósitos e mesmo dos destinos que temos diante de nós.

Ao contrário de tantos cineastas contemporâneos, que erigem cuidadosos simulacros do cinema clássico, Corbet nos restitui a crença na igualdade entre os signos e aquilo que acreditamos que seja real. Produz verdade, em suma, como László Tóth, aliás. O faz com um mergulho profundo na história e na ficção, no concreto e na alma das coisas.

Apesar das tantas comparações feitas, inclusive pelo próprio autor, com outros filmes e autores, "O Brutalista" me lembra outro filme gigantesco, "Terra dos Faraós" (1955), de Howard Hawks, em que um homem, um faraó, edifica uma pirâmide monumental que seja seu túmulo e, ao mesmo tempo, o torne eterno, mais que um homem.

"O Brutalista" é nesse sentido uma obra-prima, que dificilmente não será reconhecida em seu tempo, compensa com rigor e paciência o imenso vácuo de quase todo o cinema que se faz atualmente nos Estados Unidos.

Com a palavra, **Riobaldo**

Gilson de Barros retorna ao Teatro Futuros com todos os espetáculos da 'Trilogia Grande Sertão: Veredas'

Renato Mangolin/Divulgação



Estudioso da obra de Guimarães Rosa, Gilson de Barros concebeu os três espetáculos da trilogia a partir de recortes do texto original do autor mineiro

O ator Gilson de Barros volta ao Teatro Futuros – Arte e Tecnologia para apresentar sua "Trilogia Grande Sertão: Veredas", com direção do renomado Amir Haddad. Até domingo (23), sempre às 19h, o público poderá conferir as três montagens: "Riobaldo" (sextas-feiras), indicado ao Prêmio Shell 2023 nas categorias de Melhor Dramaturgia e Melhor Ator; "No Meio do Redemunho" (sábados); e "Julgamento de Zé Bebelo" (domingos).

O projeto teve início em 2020 com a estreia de "Riobaldo", que conquistou reconhecimento ao ser indicado ao Prêmio Shell. Em 2022, foi a vez de "O Diabo na Rua, No Meio do Redemunho", ampliando a imersão no universo de Guimarães Rosa. Desde então, a trilogia percorreu diversas cidades brasileiras e chegou ao público internacional em Portugal e Bogotá.

"Li as duas primeiras páginas do 'Grande Sertão' várias vezes até perceber que aquela 'língua' tinha tudo a ver comigo. O resto da narrativa devorei em segundos, segundo minhas sensações. Aprendi a ler, aprendi a língua, lendo este romance portentoso no original", revela Amir Haddad. "Até hoje me orgulho de ser conterrâneo e contemporâneo de Guimarães Rosa. E tenho certeza de que qualquer leitor estrangeiro que ler o livro traduzido jamais lerá o que eu li. Assim como jamais saberei o que lê um inglês quando lê Shakespeare. Os realmente grandes são intraduzíveis", reforça.

A concepção cênica do espetáculo aposta na simplicidade para evidenciar a força da narrativa roseana. "O espaço cênico minimalista, com poucos elementos visuais e sonoros, foi concebido para potencializar a história e as questões universais que atravessam a narrativa", destaca Haddad.

Gilson de Barros, que há anos se dedica ao estudo da obra de Guimarães Rosa, fala sobre sua imersão no personagem e no universo roseano: "Interpretar Riobaldo tem sido meu trabalho e minha dedicação. A cada releitura do livro, cada temporada da peça, a cada curso que participo, vou aumentando a compreensão da obra", garante.

E o ator diz encarar o desafio com profundo respeito: "O objetivo é traduzir a prosa roseana para a linguagem do teatro. Pretensioso, eu sei. Mas não imagino outra forma de enfrentar essa obra-prima, repleta de brasilidade. Por fim, registro a honra de estar no palco com o suporte de João Guimarães Rosa, Amir Haddad, Aurélio de Simoni e todos os colegas envolvidos nessa montagem", destaca.

Em "Riobaldo", o personagem central do romance "Grande Sertão: Veredas", o ex-jagunço Riobaldo relembra seus três grandes amores: Diadorim, Nhorinhá e Otacília. O incompreendido amor por Diadorim, o amigo que lhe apresentou a vida de jagunço e lhe abriu as portas do conhecimento da natureza e do humano, levando-o ao pacto fáustico; o amor carnal e sem julgamentos pela prostituta Nhorinhá; e o amor purificador por Otacília, a esposa, que o converteu em 'homem de bem'.

Já em "No Meio do Redemunho", o ex-jagunço, hoje um velho fazendeiro, conversa com um interlocutor (o público). Nesse encontro, cheio de filosofia, ele conta passagens de sua vida e reflete sobre a dialética: bem e mal, Deus/diabo. Durante a narrativa, o personagem se vale de várias histórias populares, para questionar: "o diabo existe?"

O terceiro espetáculo, "O Julgamento de Zé Bebelo", retrata um dos momentos mais emblemáticos de "Grande Sertão: Veredas", onde um chefe jagunço, ao ser derrotado, exige um julgamento justo, desafiando as tradições violentas do sertão.

Com um olhar atento à complexidade da justiça e da moral no sertão, a trilogia propõe uma experiência imersiva, conduzindo o espectador pelo universo poético e filosófico de Guimarães Rosa.

SERVIÇO

TRILOGIA GRANDE SERTÃO: VEREDAS

Futuros - Arte e Tecnologia (Rua Dois de Dezembro, 63 - Flamengo)

Até 23/2, de sexta a domingo (19h)

Ingressos: R$ 60 e R$ 30 (meia)

Exercícios de liberdade

Mestre das artes visuais brasileiras, Antonio Manuel lança livro que reúne sua produção mais recente, iniciada durante a pandemia

Divulgação



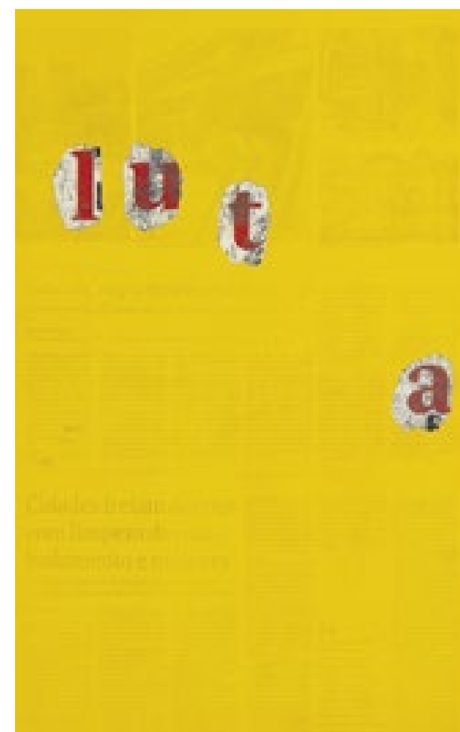


Romulo Fialdini/Divulgação





Antonio Manuel na obra Ocupações Descobrimentos



Por Affonso Nunes

"Incontornáveis" é a série de trabalhos inéditos que Antonio Manuel desenvolveu durante o confinamento imposto pela pandemia. O título também dá nome ao livro que a BEI Editora lança nesta quinta-feira (20), às 19h, na Livraria da Travessa, em Ipanema. O evento contará com uma conversa entre o artista e o curador Paulo Venancio Filho. A edição bilíngue reúne seus experimentos mais recentes em diálogo com obras e performances que marcaram sua trajetória.

Com 208 páginas e um refinado projeto visual e gráfico, a publicação apresenta imagens da série "Incontornáveis", incluindo dois fac-símiles. O volume traz ainda textos inéditos dos curadores Ana Maria Maia e Paulo Venancio Filho, além do ensaio "O galo dos ovos de ouro", escrito por Décio Pignatari em 1973 para a exposição "Antonio Manuel (de 0 às 24 horas nas bancas de jornais)".

"As bases deste livro são esses novos trabalhos, criados no recolhimento de 2020. Vejo neles aberturas que se manifestam na ação precisa das mãos, como linhas contínuas de luz e energia. Um exercício de liberdade que se desdobra em acontecimentos e revelações", afirma Antonio Manuel.

As obras nascem da sobreposição de folhas de jornal, rasgadas e pintadas. Palavras encobertas por tinta ou destacadas pelo corte e pela cor estabelecem conexões com momentos-chave da trajetória do artista. Sua produção, ao longo de mais de cinco décadas, combina inquietação, resistência a autoritarismos e um senso apurado de surpresa e humor. "Prestem atenção ao rasgo: ele não desaponta. Sua minúcia deliberadamente calculada, a maestria dos dedos e a operação cirúrgica estética revelam a beleza e o desenho límpido da incisão", avisa o curador.

Jornais são um suporte recorrente na obra de Antonio Manuel. Em 1973, ele levou sua arte ao caderno de cultura do extinto O Jornal com a exposição "Antonio Manuel (de 0 às 24 horas nas bancas de jornais)", um comentário sobre o papel da mídia em tempos de censura. Agora, ele expande as 24 horas do impresso para refletir sobre a transitoriedade da informação e o valor da palavra escrita na contemporaneidade. esfera pública esvaziada", analisa Ana Maria Maia.